

O Brasil como Epicentro mundial da COVID-19: Estudo de Representações Sociais

Brazil as a World Epicenter of COVID-19: Study of Social Representations

Adriano da Silva Rozendo, Andréia Isabel Giacomozzi, Flávia Gizzi

Resumo

Em 2019 um novo coronavírus passou a ser noticiado e, em poucos meses, levou o mundo a uma grande pandemia que demandou uma série de medidas sanitárias. Em pouco tempo, o debate sobre a letalidade e consequências da COVID-19 politizou-se e dividiu opiniões no Brasil. No intuito de analisar as Representações Sociais de internautas brasileiros sobre o fato de o Brasil ter se tornado o novo epicentro mundial da COVID-19, o presente estudo examinou um corpus composto por 1.321 comentários, realizados por internautas nas páginas do Facebook de três jornais de grande circulação no país. Foi realizada análise lexicográfica sobre o material, com o auxílio do software IRaMuTeQ. Em geral, os comentários foram polarizados, dividindo os internautas entre crentes e descrentes em relação à doença e elementos ideológicos da extrema direita foram observados nos conteúdos dos comentários negacionistas, podendo manter relação com o avanço da doença.

Palavras-chave

Representações Sociais, COVID-19, Brasil, Polarização.

Abstract

In 2019 a new coronavirus was reported and rapidly took the world into a pandemic that demanded a series of sanitary measures. In a short time, the debate concerning the lethality and consequences of COVID-19 became politicized and split opinions. In order to analyze the Social Representations of Brazilian internet users about Brazil as the world epicenter of COVID-19, this study examined a corpus composed of 1.321 comments posted on the Facebook pages of three major newspapers in Brazil. A lexicographical analysis was performed on the material through the software IRaMuTeQ. Comments were polarized, dividing the internet users between believers and unbelievers regarding the disease. Ideological elements of the extreme right were observed in the contents of the negationist comments, and may be related to the spread of the disease.

Keywords

Social Representations, COVID-19, Brazil, Polarization.

Adriano da Silva Rozendo

Universidade Federal da Grande Dourados

Professor associado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

adrianorozendo@ufgd.edu.br

Andréia Isabel Giacomozzi

Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFSC, do PPGP - Programa de Pós - Graduação em Psicologia da UFSC e do European /International Joint Ph.D. em Social Representation Culture and Communication da Università degli Studi di Roma, la Sapienza.

agiacomozzi@hotmail.com

Flávia Gizzi

Universidade Federal da Grande Dourados

Discente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

flaviagizzi1@gmail.com

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recebeu as primeiras informações sobre uma série de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Os casos foram confirmados como sendo a doença COVID-19, causada por um novo Coronavírus identificado por autoridades chinesas em 7 de Janeiro de 2020. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS (2020) classificou a doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, e pela sua rápida disseminação, caracterizou em 11 de março de 2020 o surto da doença como uma pandemia. Medidas de afastamento e isolamento social e, em alguns casos, restrições à circulação de pessoas (*lockdown*) foram recomendadas pela OMS e seguidas em diversas cidades no mundo todo.

O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado em 25 de fevereiro de 2020. Devido às condições sociais, econômicas e sanitárias precárias de boa parte do país, sabia-se que o enfrentamento da pandemia seria uma tarefa difícil, já que cerca de 13 milhões pessoas moram em favelas sem saneamento básico e com difícil acesso à água e com trabalhos informais, o que dificulta o acesso às medidas de higiene e isolamento recomendadas pelas autoridades de saúde (THE LANCET, 2020).

Após 40 dias da confirmação do primeiro caso, o Brasil apresentava números de casos e mortes maiores do que outros países (PLATERO; GOMES, 2020), e após quatro meses já ocupa o segundo lugar no ranking mundial em casos e mortes (1,448,753 e 60,632 respectivamente) (WHO, 2020).

Enquanto o combate à doença mobilizava autoridades públicas e de saúde no país, outro embate travava-se entre o então presidente Jair Bolsonaro e os meios de comunicação em massa. Enquanto as notícias jornalísticas, baseadas no consenso científico, alertavam sobre a letalidade do novo coronavírus, o presidente minimizava a doença e os efeitos da pandemia sobre a saúde pública, opondo-se às próprias autoridades de saúde do Ministério da Saúde (MS) (GELERIS et al., 2020), ocasionando uma polarização informacional (JUSTO et al., 2020) e política em torno da pandemia no país (GIACOMOZZI, et al., 2022; ROZENDO, et al.; 2022). Ainda em oposição às medidas profiláticas, o presidente fez algumas aparições públicas causando aglomerações e participou de manifestações a seu favor onde abarrotavam-se multidões, em Brasília (MARIANI; GAGETE-MIRANDA; RETTI, 2020). As falas contrárias às autoridades de saúde e a conduta frugal do presidente transmitiram uma falsa sensação de tranquilidade aos seus seguidores, fazendo com que menos pessoas se comprometessem a adotar medidas de prevenção.

Esse cenário de vulnerabilidade social, polarização política (GIACOMOZZI et al., 2022; GIACOMOZZI et al., 2023) associado ao negacionismo científico acabou por contribuir para que o Brasil se tornasse epicentro da COVID-19 no mundo, conforme declaração da OMS em 22/05/2020 (PLATERO; GOMES, 2020). As notícias dos dias seguintes à declaração da OMS, tiveram grande repercussão no país, levando a debates inflamados entre crentes e descrentes sobre o poder letal da COVID-19, assim como entre seguidores e opositores do presidente, reforçando o cenário de polarização política no país.

Todo este cenário marcado por difusão de notícias jornalísticas, sistemas de crenças, polêmicas e polarização política é de interesse para estudos da Psicologia Social, mais especificamente a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS). (BATISTA; BONOMO, 2017). Segundo Jodelet (2001), a análise das RS possibilita mapear pertencimentos grupais, territoriais e socioculturais dos indivíduos (ou grupos) que as produzem e compartilham. Além de significar a realidade, as RS também servem de guia para a ação. Isso porque, as RS, em geral, são construídas nos processos de comunicação (CAMARGO et al, 2018), sendo carregadas de idiosincrasias e metainformações grupais e individuais (WAGNER, 1995).

Nesse processo de construção e compartilhamento das RS e das polêmicas associadas a diversos temas, os meios de comunicação de massa assumem papel fundamental. As mídias, em especial aquelas voltadas ao grande público, transcrevem o conhecimento técnico-científico em uma linguagem prática e cotidiana, de fácil compreensão para o público leigo (MOSCOVICI, 1961/2012). Portanto, o processo de formação das RS – como fenômeno moderno – e de interpretação da realidade inicia-se desde o processo de simplificação de uma informação técnico-científica, para uma linguagem de fácil compreensão.

A partir do momento em que as grandes mídias publicam seus textos na internet e permitem que leitores internautas façam comentários, surge uma nova possibilidade de interação e construção de RS. Além disso, os comentários nas redes sociais possibilitam que opiniões e pontos de vistas contranormativos possam ser livremente disseminados, de forma ainda mais radical que no contato face a face (KOELZER et al., 2017). A internet abre o espaço para os atores sociais se expressarem livremente e sem censuras, criando assim um campo fértil para os debates polarizados (MACHADO; MISKOLCI, 2019). Entende-se portanto, que a análise de comentários em redes sociais sobre determinada temática torna-se um estudo de caso interessante para o exame dos aspectos retóricos da contestação social e política, uma vez que os comentários dos internautas nas notícias podem ser anônimos e pode haver interação entre os internautas revelando as polêmicas geradas pelos pertencimento à diferentes grupos sociais (JASPAL; NERLICH; KOTEYKO, 2012).

Estudar comentários de internautas em redes sociais pode ser particularmente interessante para pesquisadores do campo das RS, pois nas comunicações estabelecidas nas redes sociais virtuais, grande número de pessoas transmitem mensagens à um outro grande grupo de pessoas através de um sistema de interação coletivo intenso e acelerado no tempo e no espaço. Além disso a difusão desses processos também é acelerada. E existe uma autonomia dos indivíduos e grupos na seleção da informação, na elaboração e na transmissão das mensagens. Estudar, portanto, tais comentários permite observar os processos de elaboração e de expressão das RS através de outros modos além dos discursos e práticas (ALAYA, 2016).

Este estudo

A partir do exposto, o presente estudo propõe analisar as RS de internautas brasileiros sobre o fato do Brasil ter se tornado o novo epicentro mundial da pandemia de COVID-19, tomando como referências as notícias sobre a declaração da OMS, em 22 de maio de 2020.

Método

Foram extraídos todos os comentários feitos nas publicações de notícias de três jornais de grande circulação no país, conforme classificação do Instituto Verificador de Comunicação (IVCP), (SACCHITIELLO, 2019) e que publicaram suas notícias nas suas respectivas páginas do Facebook. Foram selecionados os jornais O Globo; Estado de São Paulo e Gaúcha ZH. Foram extraídos 132 comentários da notícia intitulada: Com Brasil à frente no número de casos e mortes, América do Sul é novo epicentro da Covid-19, diz OMS, publicada na página do jornal O Globo. Da notícia OMS classifica América do Sul como novo epicentro da pandemia de COVID-19, publicada na página do jornal Estadão, extraiu-se 515 comentários. E da notícia Brasil caminha para se tornar novo epicentro do coronavírus no mundo, publicada na página do jornal Gaúcha ZH foram extraídos 674 comentários, formando um corpus com total de 1.321 comentários.

O corpus textual foi submetido à uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD) com o programa IRaMuTeQ (RATINAUD; MARCHAND,

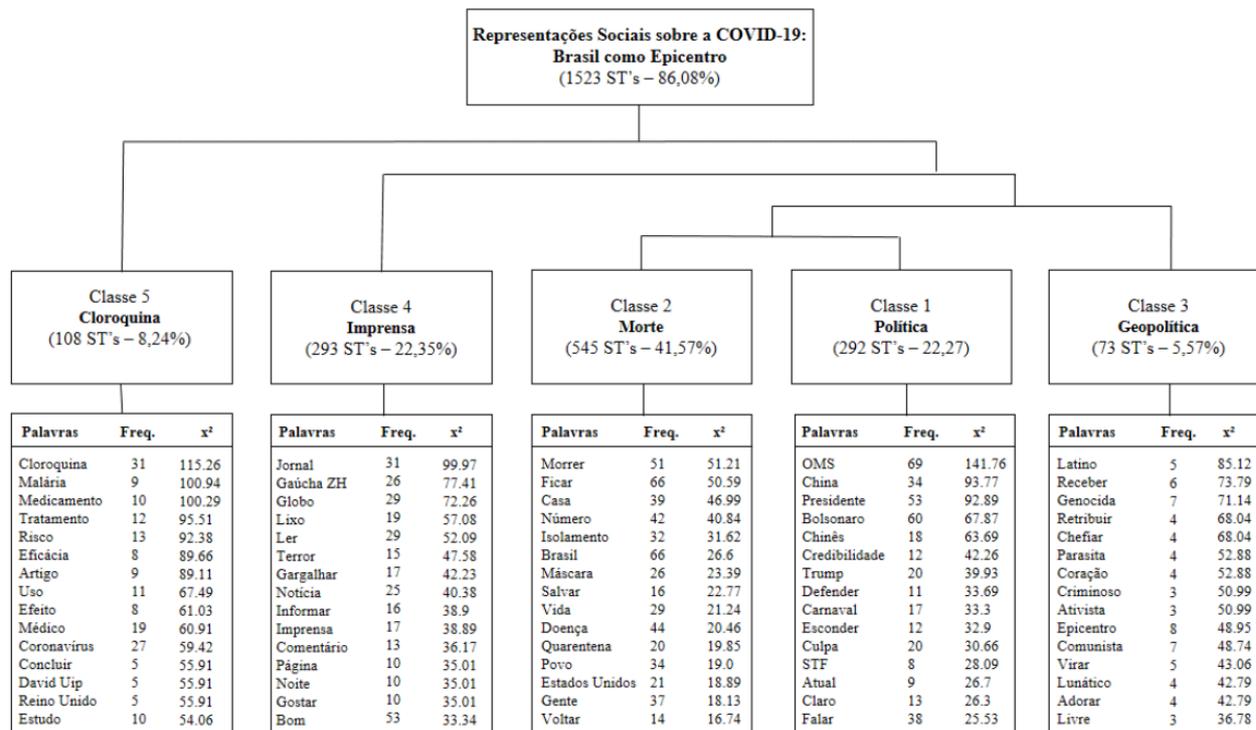
2012), um software gratuito que realiza diferentes formas de análises estatísticas sobre textos (Fernandes 2019). Este método identifica classes lexicais formadas a partir de segmentos de textos (ST's) que compartilham vocabulários semelhantes, gerados por palavras concorrentes, que constituem o vocabulário específico de cada classe. (SBALCHIERO, 2018). As classes geradas a partir da CHD são representadas graficamente na forma de um dendrograma, que exhibe as palavras associadas aos ST's da classe com base numa hierarquia decrescente organizada a partir da frequência. As classes são nomeadas pelos autores, usualmente, aludindo ao conteúdo nela agrupado.

O sexo dos comentaristas foi empregado como variável, sendo que, em alguns casos, foi necessário verificar o perfil dos internautas para confirmação. Os nomes dos comentaristas não foram mencionados no presente trabalho, apesar de os comentários serem públicos. Palavras compostas foram transcritas em sua forma de acrônimo, para facilitar as análises, caso contrário, o software analisaria cada nome de forma independente. Posteriormente, os acrônimos mais significativos foram inseridos em suas formas originais nos dendrogramas que serão apresentados a seguir. Por exemplo, Estados Unidos foi transcrito com EUA no corpus e, posteriormente, como Estados Unidos, no dendrograma correspondente. Caso contrário, o programa iria processar as palavras Estados e Unidos como se fossem independentes, o que prejudicaria a CDH. Noutros casos, as palavras compostas apareceram nos comentários em sua forma acrônima, como no Caso de STF – Supremo Tribunal Federal. Emojis e onomatopeias, bastante frequentes em comentários em redes sociais, foram transcritos conforme a ação, ou sentimento que expressavam, como risos; raiva; tristeza; nojo; beijo; etc.

Resultados

Na Figura 1 o dendrograma apresenta as 15 palavras mais significativas de cada classe, conforme a CDH realizada pelo IRaMuTeQ.

Figura 1 - Dendrograma.



Fonte: Autoria própria.

A análise hierárquica descendente reteve 86,08% do conteúdo dos comentários agrupando-os em 5 classes. Em geral, os comentários foram polêmicos e avalizaram a situação de polarização política no país. Os debates ocorreram em torno de grandes temas relativos à COVID-19 e à situação da pandemia no Brasil e na América do Sul. O assunto principal geral de cada classe foi empregado nos seus respectivos títulos. No total, 556 comentários foram feitos por mulheres; 758 por homens e 7 por internautas que não declararam o sexo no perfil do Facebook. Nenhuma das classes associou ao conteúdo ao sexo dos comentaristas, ou seja, não houve diferenças apontadas nesta classificação entre o conteúdo dos comentários feitos por homens ou mulheres.

Dentro das RS sobre a COVID-19, considerando o Brasil como epicentro, a classe Cloroquina (5) se contrapõe a todas as outras, enquanto do outro lado, uma subdivisão separa a classe Imprensa (4) da segunda ramificação do dendograma, que por sua vez, dá origem à classe Geopolítica (3) de um lado, e do outro à última divisão que separa as classes Política (1) e Morte (2).

Na Classe 5, intitulada Cloroquina, houve um intenso debate em torno dessa droga. Seguindo a tendência do debate polarizado e polêmico, apoiadores do presidente seguiram a mesma linha de raciocínio do líder e defenderam o uso da droga, argumentando que ela seria eficaz, mas que estaria sofrendo um boicote intencional, como observa-se no comentário de uma mulher, na página do jornal Estadão: “Não querem curar o povo com a cloroquina, para que implorem pela vacina do tio Bill. Gargalhando”, mais adiante e no sentido oposto e baseando-se no consenso científico, comentou um homem.

É por isso que os pesquisadores trabalham para chegar a uma conclusão: Hoje, o consenso científico é que não cura coronavírus. E os riscos são muito altos para apostar, quando nós temos medicamentos que efetivamente demonstraram resultados melhores do que a Cloroquina, com menos riscos à saúde. Essas pessoas que usaram a cloroquina, possivelmente poderiam ter se curado sem elas. Seria como falar que, por exemplo, água cura coronavírus, porque todo mundo que se curou tomou água.

Na Classe 4, denominada Imprensa, agruparam-se, majoritariamente, os comentários dos internautas que não acreditavam na letalidade da COVID-19 e contestavam a posição dos veículos de comunicação, que, supostamente, estariam manipulando as informações e episódios associados a COVID-19, com a intenção de aterrorizar a população e de desestabilizar o governo Bolsonaro. Nesse sentido, comentou um homem, na página do O Globo, que ilustrou a notícia com covas abertas em série no cemitério Vila Formosa, da cidade de São Paulo: “Globo e suas covas! Mostram as mesmas todos os dias! Olha o terror!” Mais adiante, outro internauta do sexo masculino completou: “E a Globo adora essa pandemia. Que feio, só pra derrubar o governo.” Apesar de menos frequentes, houve comentários que refutaram tal hipótese, como no caso de um internauta do sexo masculino que comentou na página da Gaúcha ZH: “pelo menos a globo mostra a realidade do que está acontecendo não adianta mascarar notícia e dizer que está tudo bem a realidade é esta não podemos negar isso.”

Na Classe 2, intitulada Morte, foram agrupados os comentários com os conteúdos que seguiam a linha consensual da ciência e das matérias jornalísticas. Essa foi a classe mais representativa do corpus e associou a COVID-19 principalmente, objetificando-a e ancorando-a ao elemento morte. Os comentários corroboraram as medidas de prevenção como o isolamento social; o uso de máscaras e a quarentena. O mal funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS) também foi vinculado às mortes

relacionadas à COVID-19, tal como escreveu uma mulher na página do Estadão: “Lógico que tem gente morrendo quase ninguém respeitando a quarentena e a doença é altamente contagiosa, é lógico que não tem assistência para todos os doentes, o SUS sempre foi maravilhoso né? Risos”

Na Classe 1, Política, a COVID-19 e a pandemia foram associadas às ações da OMS; da China; do então presidente Jair Bolsonaro; do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e do STF. Nela, foram arregimentados os comentários com conteúdos negacionistas e conspiracionistas, que atrelavam à doença a ação coordenada (ou à falta de ação) de governos e lideranças políticas. Também foram agregados comentários que corroboravam as medidas recomendadas pela OMS e demais autoridades de Saúde. Houve, portanto, discussões polarizadas e polêmicas que orbitavam questões políticas, a exemplo do debate nos comentários da página do Estadão, iniciado por um homem: “A OMS cagou e agora a cloroquina é a culpada. Tá bom Estadão!! Acreditamos em vocês.” disse o internauta descredibilizando o veículo midiático. Na sequência, argumenta uma mulher: “melhor seguir a OMS, que tem respaldo de médicos e cientistas do que seguir o presidente Bolsonaro Cloroquina, cuja especialização em achismos é a única credencial que ele tem. Mal sabe ler num teleprompter! Fora Bolsonaro”, disse a internauta se contrapondo ao comentário anterior e ao governo. Mais adiante, ainda na notícia veiculada pela página do Estadão, um homem e uma mulher fomentam o debate negacionista e conspiracionista, supondo uma articulação oculta entre OMS e governo Chinês na disseminação do novo coronavírus: “Aí só tem interesse político pois a OMS está controlada pelos chineses”; “OMS e China, farinha do mesmo saco”.

Enfim, na Classe 3, intitulada Geopolítica, tratou-se, predominantemente, da pandemia no contexto da América do Sul e América Latina. Seguiu-se a tendência dos conteúdos difundidos pelas matérias jornalísticas, que tratavam da dissipação da COVID-19 no Brasil e América do Sul, enquanto novo epicentro da doença. Como exemplo temos o comentário de um homem, feito na notícia veiculada pela página do Estadão, que mostra a abordagem do tema em torno do conteúdo jornalístico sugerido pela matéria OMS classifica América do Sul como novo epicentro da pandemia de covid-19: “Além do Brasil chama a atenção o ritmo acelerado da coronavírus no Chile e no Peru. Se for considerar América latina, o México também.”

Por outro lado, alguns comentaristas seguiram a mesma linha de raciocínio negacionista e conspiracionista predominante na Classe 1 e associaram a COVID-19 a uma suposta articulação entre OMS, governo chinês e mídia, como estratégia de espalhar o terror e de tomada de poder por parte de comunistas. Portanto, além do negacionismo e do conspiracionismo, surgem também argumentos macarthistas, como no exemplo de um internauta de sexo não declarado que publicou na página do O Globo: “E tem um monte de ogros acreditando nessa imprensa comunista devedora de impostos”. Na página do Estadão, questionou um homem, sobre a OMS: “Esta Organização aparelhada por comunista é confiável?”

Ao analisar os dados, podemos agrupar os posicionamentos em comentários conspiracionistas e negacionistas, que expressam ideias majoritariamente condizentes com o pensamento conservador do presidente Bolsonaro, defendendo a eficácia da cloroquina e questionando as intenções da imprensa; e por outro lado, comentários preocupados com a situação do país e com a gravidade da pandemia, defendendo o consenso científico e a mídia, que estaria apenas “fazendo seu papel” ao divulgar notícias sobre o coronavírus. Tornou-se também evidente, a aversão de alguns internautas frente à política, na página do jornal Gaúcha ZH, um homem comenta “Por que tem que misturar política, tenho nojo de política”, esse pensamento distancia a população de discussões importantes e intrinsecamente relacionadas à vida em sociedade como saúde pública,

relações internacionais e políticas públicas. Reassumindo os resultados, percebe-se claramente no âmbito das redes sociais, o antagonismo entre posições políticas que espelha a situação crítica do Brasil como um todo, no momento atual.

Discussão

Os comentários examinados para o presente trabalho argumentavam sobre a COVID-19 e o deslocamento do epicentro da pandemia da doença para a América do Sul, sobretudo, para o Brasil. Em geral, houve a divisão dos comentaristas em dois polos principais, dando a tônica das interpretações polarizadas sobre a COVID-19, observada também em outros países (BRUCE, NGUYEN, BALLAD, & SANDERS, 2020). Inicialmente de cunho político, e potencializada a partir das eleições presidenciais de 2014, a polarização no Brasil tem se replicado na compreensão e formação de RS sobre fenômenos de natureza não política. O deslocamento do campo político, para campos diversos demonstra um alto grau de polarização na sociedade brasileira, que replica cenários de outros países também bastante polarizados, como os Estados Unidos (SOUZA; AZEVEDO, 2018; HELTZEL; LAURIN, 2020).

Um dos polos das RS sobre o Brasil ter se tornado o novo epicentro mundial da COVID-19 estava de acordo com o conteúdo proposto pelas notícias jornalísticas, que por seu turno, seguiam a linha consensual da ciência e das autoridades de saúde, como a OMS. Nesse sentido, em relação à COVID-19, os meios de comunicação em massa cumpriram adequadamente sua função precípua no estímulo a debates sobre a ciência, na transcrição do conhecimento técnico-científico para conhecimento prático cotidiano do grande público e do senso comum (MOSCOVICI, 1961/2012). Já o outro polo seguiu em direção oposta, em desacordo com as linhas de raciocínio jornalísticas e técnico-científicas, fundamentando-se em argumentos com conteúdos anticientíficos, negacionistas, conspiracionistas e macarthistas, seguindo assim, tendências de extrema direita observadas em outros estudos no Brasil e no mundo (MARCHI; BRUNO, 2016; STAVRAKAKIS et al. 2017; LEE; BROWN, 2018; AZEVEDO; BIANCO, 2019; MARTINE; ALVES, 2019; PENYCOOK et al., 2020; SOUSA et al. 2020; de Rosa et al., 2021).

O avanço de ideias associadas à extrema direita vem ocorrendo em escala global, principalmente, nas últimas três décadas. Nos últimos anos, suas lideranças galgaram postos importantes de poder e influência sobre o pensamento social, em diversos países do mundo. O movimento de ascensão da extrema direita ocorre concomitantemente aos movimentos e crenças de cunho anticientíficos como o terraplanismo e o macarthismo. Outros movimentos e crenças vinculados à extrema direita representam riscos mais claros diretos a humanidade e à democracia, como o negacionismo climático; o negacionismo do Holocausto; o movimento antivacina e o antiambientalismo, assim como movimentos supremacistas e antidemocráticos (AZEVEDO JUNIOR; BIANCO, 2019; BERTOLDO et al., 2019; CASTRO, 2015; DVOSKIN, 2019; HUSSAIN et al., 2018; ROZENDO et al., 2022).

As RS desse último polo estão conectada, portanto, a um Sistema de Representações Sociais (SRS) bastante complexo (CODOL, 1984) que replica formas de interpretação sobre fenômenos distintos, com base em linhas de raciocínio anticientíficas e conspiracionistas. Dessa forma, uma série de fenômenos de naturezas diversas - dentre eles a COVID-19 - passam a ser interpretados de maneira similar e tratados, basicamente, como invenções coordenadas por grupos e governos “comunistas”, ou de interesses obscuros, com vistas à desestabilização de governos conservadores e de direita, em clara alusão ao macarthismo. Nessa linha de raciocínio, uma pesquisa recente realizada nos Estados Unidos constatou que os

conservadores de direita (Republicanos) tendem a assimilar posturas negacionistas e conspiracionistas ante a COVID-19, enquanto a ala mais progressista e de centro-esquerda (Democratas) tendem a acompanhar o consenso científico em relação à doença (PENNYCOOK et al., 2020).

Castro (2015) aponta que esses fundamentos da extrema direita migraram de grupos dispersos radicais, no século XX, para a grande massa, no século XXI. Conforme o autor, o fenômeno inicia-se com a crise do capitalismo industrial que enfraqueceu o poder econômico e político da classe operária e com o cenário de instabilidade imposto pelo capitalismo financeiro, que deixou a classe média em situação permanente de insegurança. Dessa forma, a população em geral tornou-se mais suscetível aos discursos alarmistas, xenófobos e autoritários, semeando um campo fértil para a ascensão da Nova Direita. O autor ainda chama atenção sobre a implicação da internet e das redes sociais sobre o fenômeno em tela que apresenta uma nova forma de ativismo político, o ciberativismo que permite a amplificação das vozes de extrema direita.

O avanço e massificação desses valores também relacionam-se, intimamente, a uma nova etapa no campo comunicacional, conhecida como era das *fake news*, ou notícias falsas (ALBRIGHT, 2017). “As *Fake News* consistem em informações não verdadeiras transmitidas por meio de mensagem, áudio, imagem ou vídeos editados para atrair a atenção do leitor no intuito de desinformá-lo e obter algum tipo de vantagem sobre ele, sem que haja fonte verdadeira” (SOUSA et al., 2020, p. 336). De forma geral, as *fake news* são usadas nas campanhas eleitorais da extrema direita e, posteriormente passam a ser empregadas como estratégia de controle de massas (AZEVEDO; BIANCO, 2019; MARTINE; ALVES, 2019; HOWARD, et al., 2019). A dissipação de *fake news*, sobretudo por meio de redes sociais, foi amplamente empregada durante a pandemia da COVID-19 em todo o mundo, levando as autoridades de saúde a criarem canais específicos de combate a essas notícias (PENNYCOOK et al., 2020; SOUSA et al., 2020). Recentemente, no Brasil, o notório e amplamente divulgado inquérito das *fake news*, do STF, mostrou que canais especializados em divulgação de notícias falsas e conteúdos extremistas e antidemocráticos vinham recebendo recursos de publicidade de grandes empresas controladas pelo governo federal como Petrobrás, Eletrobrás e Banco do Brasil, o que levanta ainda mais a suspeita de formação de uma rede integrada e sistematizada de *fake news* no país, com vistas à manipulação e controle populacional.

Conforme McIntyre (2018), as *fake news*; o negacionismo científico; o declínio da mídia tradicional e o advento das mídias sociais abriram espaço para um período conhecido como pós-verdade. Os dicionários Oxford definem pós-verdade como circunstâncias onde os fatos objetivos sobre determinado fenômeno, ou objeto são menos influentes na opinião pública que emoções e crenças pessoais. Sousa (et al., 2020, p. 336) complementa o conceito de pós-verdade apregoando que “os indivíduos são passíveis de acreditar em notícias falsas quando estas vão de acordo com sua ideologia política” e que “isso faz com que a comunicação entre as pessoas, em momentos sérios como o da atual pandemia do COVID-19, seja repleta de informações duvidosas”. Nesse sentido, a defesa da Cloroquina por parte significativa dos comentaristas pode estar marcando pertencimentos políticos, já que, cientificamente, a eficácia da droga foi descartada. No mesmo sentido, as ideias conspiracionistas, macarthistas, anticientíficas e negacionistas podem se aproximar de posicionamentos políticos, na medida em que se afastam do consenso científico. Portanto, as circunstâncias político-sociais durante a pandemia da COVID-19 contribuíram para a formação de RS afastadas da realidade da doença, o que pode ter contribuído para levar o Brasil ao posto de Epicentro da pandemia.

Considerações Finais

A dinâmica das RS polêmicas e polarizadas, acima descritas, têm se repetido em diversos fenômenos no contexto mundial e brasileiro, como clima, meio ambiente, migrações e agora, com a COVID-19. A politização das temáticas leva à construção de argumentos similares na interpretação de objetos e fenômenos de natureza distinta. Trata-se de uma replicação exaustiva de conteúdos de caráter ideológico baseados, principalmente, no anticientificismo.

O negacionismo científico, por seu turno, se revela como uma ideologia política extremamente perigosa para a humanidade, que pode ter contribuído para a elevação do posto do Brasil para epicentro da pandemia da COVID-19, assim como na dissipação da doença em outros países.

Por fim, reconhece-se que uma análise de comentários de internautas em redes sociais não pretende dar conta de esgotar os argumentos e a construção de RS de todo um país, principalmente de dimensões continentais como o Brasil, contudo considera-se importante conhecer e analisar os comentários compartilhados para entender as dinâmicas das RS ao menos em uma parte do público brasileiro.

Sobre o artigo

Recebido: 02/10/2022

Aceito: 21/11/2022

Referências bibliográficas

ALAYA, D. B. Autocommunication de masse sur Facebook et étude de l'expression iconique des représentation sociales. In: Lo Monaco, G.; Delouvé, S.; Rateau, P. (Coord.). **Les représentations sociales: Théories, méthodes et applications**. Louvain-la-Neuve: De Boeck Supérieur, 2016, p. 409-412.

ALBRIGHT, J. Welcome to the Era of Fake News. **Media and Communication**, Nova York, v. 5, n. 2, p. 87, 27 jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17645/mac.v5i2.977>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

AZEVEDO JUNIOR, A.; BIANCO, E. C. O processo de mitificação de Bolsonaro: Messias, presidente do Brasil. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 88-111, 6 Out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v22i2.26253>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

BATISTA, R.; BONOMO, M. Social representations of immigration and immigrants in Spanish, Italian and Portuguese media. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 19, n. 3, p. 211, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1357>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

BERTOLDO, R. et al. Scientific truth or debate: On the link between perceived scientific consensus and belief in anthropogenic climate change. **Public Understanding of Science**, Londres, v. 28, n. 7, p. 778-796, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0963662519865448>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

BRUCE, G.; NGUYEN, H.; BALLAD, J.; SANDERS, L. COVID-19 report: How the virus is affecting everything, from politics to brands. Londres, 2020. Disponível em: <https://today.yougov.com/topics/science/articles-reports/2020/03/12/covid-19-report-how-virus-affecting-world-politics>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CAMARGO, B. V.; SCHOLÖSSER, A.; GIACOMOZZI, A. I. Aspectos epistemológicos do Paradigma das Representações Sociais. In: M. d. P. d. L. Coutinho; L. F. de Araújo; L. Araújo (Eds.). **Representações sociais e práticas psicossociais**. Curitiba: CRV, 2018, p. 47-60.

CASTRO, R. F. O negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. **Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 5, 22 jan. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/resgate.v22i28.8645773> . Acesso em: 25 Jun. 2020.

CODOL, J.-P. On the system of representations in an artificial social situation. In: Farr, R.; Moscovici, S. (Org.). **Social Representation**. Cambridge: University Press, 1984, p. 239-253.

DVOSKIN, N. El anarcoliberalismo como terraplanismo económico. Argentine Institute for Economic Development. **Cuadernos de Economía Crítica**, Jun. 2019. Disponível em: <http://www.iade.org.ar/noticias/el-anarcoliberalismo-como-terraplanismo-economico>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FERNANDES, B. **Metodologias de Análise em Representações Sociais: Manual do IRaMuTeQ Incorporado**. Lisboa: Chiado Books, 2019.

Folha informativa OMS – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

GELERIS, J. et al. Observational Study of Hydroxychloroquine in Hospitalized Patients with Covid-19. **New England Journal of Medicine**, Boston, v. 382, n. 25, p. 2411-2418, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2012410> . Acesso em: 25 nov. 2020.

GIACOMOZZI, A. I.; ROZENDO, A.; BOUSFIELD, A. B.S.; LEANDRO, M.; FIOROTT, J. G.; SILVEIRA, A. COVID-19 and Elderly Females - a Study of Social Representations in Brazil. **Trends in Psychology**, p. 1-17, 2022. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00089-9>. Acesso em: 05 Jul. 2022.

GIACOMOZZI, A. I.; SILVEIRA, A.; TAVARES, A. C. A.; JUSTO, A. M. Political Polarization and Intergroup Relations: a study on Social Representations in Brazil. **Quaderns de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 1-26, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1643>. Acesso em: 10 Jan. 2023

GIACOMOZZI, A. I.; FIOROTT, J.G.; BERTOLDO, R. B.; CONTARELLO, A. Social Representations of political polarization through traditional media: a study of the Brazilian case between 2015 and 2019. **Postdisciplinary Humanities & Social Sciences Quarterly**. p.1-14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/humaff-2022-2032>. Acesso em: 05 Jul. 2022.

HELTZEL, G.; LAURIN, K. Polarization in America: two possible futures. **Current Opinion in Behavioral Sciences**, Amsterdam, v. 34, p. 179-184, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2020.03.008>. Acesso em: 2 Fev. 2023.

HOWARD, Philip et al. **The IRA, Social Media and Political Polarization in the United States, 2012-2018**. Lincoln: University of Nebraska, 2019.

HUSSAIN, Ali et al. The Anti-vaccination Movement: A Regression in Modern Medicine. **Cureus**, São Francisco, jul. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7759/cureus.2919> . Acesso em: 25 Jun. 2020.

JASPAL, R.; NERLICH, B.; KOTEYKO, N. Contesting Science by Appealing to Its Norms: Readers Discuss Climate Science in the Daily Mail. **Science communication**, v. 35, n. 3, p. 383-410, Jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1075547012459274> . Acesso em: 25 Jun. 2020.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Ed.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.

KOELZER, Larissa Papaleo. et al. O “olhar preconceituoso”: Representações sociais sobre fotografias nas redes sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 431–449, 30 jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2016.29169>. Acesso em: 15 Jan. 2021.

LEE, J.; BROWN, K. Make Korea with America Great Again: An Articulation and Assemblage of South Korean Extreme Right Practices. **Communication, Culture and Critique**, v. 11, n. 1, p. 53–66, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ccc/tcx004>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945–970, dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v9310>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

MARCHI, R.; BRUNO, G. A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados. **Relações Internacionais**, Lisboa, v. 50, p. 39-56, jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992016000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 25 Jun. 2020.

MARIANI, A. L.; GAGETE-MIRANDA, J.; RETTI, P. Words can hurt: How political communication can change the pace of an epidemic. **CEPR**, Londres, v. 12, p. 104-137, abr. 2020. Disponível em: <https://cepr.org/content/covid-economics-vetted-and-real-time-papers-0> . Acesso em: 20 jun. 2020.

MARTINE, G.; ALVES, J. Desordem na governança global e o caos nas mudanças climáticas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S102-3098a0075>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

MCINTYRE, Lee. **Post-Truth**. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 1961.

PENNYCOOK, G. et al. Fighting COVID-19 misinformation on social media: Experimental evidence for a scalable accuracy nudge intervention. **PsyArXiv**, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://psyarxiv.com/uwbk9/> . Acesso em: 30 jun. 2020.

PLATERO, K.; GOMES, F. Números estatísticos e realidades: Uma proposta de reflexão sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social-Reflexões na Pandemia**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 1-11, abr. 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-4> . Acesso em: 25 jun. 2020.

RATINAUD, P.; MARCHAND, P. "Application de la méthode ALCESTE à de "gros" corpus et stabilité des "mondes lexicaux": analyse du "Cable-Gate" avec IraMuTeQ". In: **Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles**. Liège, 2012, p. 835-844.

ROSA, A. S.; Mannarini, T., et al. Sensemaking processes and social representations of COVID-19 in multi-voiced public discourse: Illustrative examples of institutional and media communication in ten countries. **Community Psychology In Global Perspective**, v.7, n.1, p. 13-53, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1285/i24212113v7i1p13>. Acesso em: 25 Jun. 2020.

ROZENDO, Adriano et al. Representações sociais de homens idosos sobre a COVID-19 e sentimentos gerados no isolamento social. **Revista Ciências Humanas**, v. 15, n. 1, 2022. Disponível em:

<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/785> . Acesso em: 18 jul. 2023.

ROZENDO, A.; GIACOMOZZI, A. I.; VITALI, M. M. Representações Sociais sobre Migrantes. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, v. 12, n. 1, p. 109-119, 2022. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3119>. Acesso em: 01 Fev 2023.

SACCHITIELLO, B. Circulação dos maior País cresce em 2019. 2020. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html> . Acesso em 30 jun. 2020.

SBALCHIERO, S. Topic Detection: A Statistical Model and a Quali-Quantitative Method. In TUZZI, Arjuna (Ed.). **Tracing the Life Cycle of Ideas in the Humanities and Social Sciences**. *Quantitative Methods in the Humanities and Social Sciences*. Padova: Springer, 2018.

SOUSA JÚNIOR, João Henriques. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 331-346, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/640> . Acesso em: 25 Jun. 2020.

SOUZA, M. F. C.; AZEVEDO, N. P. S. G. Guerras culturais e formações Imaginárias da polarização política brasileira: um estudo Discursivo. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 5, n. 4, p. 209-226, jul. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/640> . Acesso em: 30 jun. 2020.

STAVRAKAKIS, Yannis. Extreme Right-Wing Populism in Europe: Revisiting a Reified Association. **Critical Discourse Studies**, Londres, v. 14, n. 4, p. 420-39, ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17405904.2017.1309325> . Acesso em: 25 Jun. 2020.

The Lancet. COVID-19 in Brazil: "So what?". Londres, 7 mai. 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31095-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31095-3) . Acesso em: 25 Jun. 2020.

WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br> . Acesso em: 3 jul. 2020.